



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
DO PARANÁ**

Campus Cornélio Procópio

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

JOÃO MANOEL GARCIA ALONSO FILHO

PEDRO HENRIQUE CARNEVALLI FERNANDES

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

**CARTILHA SOBRE PREVENÇÃO ÀS DROGAS E À
VIOLÊNCIA ESCOLAR**

JOÃO MANOEL GARCIA ALONSO FILHO
PEDRO HENRIQUE CARNEVALLI FERNANDES

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

CARTILHA SOBRE PREVENÇÃO ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA ESCOLAR

**HANDBOOK ON DRUG AND SCHOOL VIOLENCE
PREVENTION**

Produção Técnica Educacional apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em Ensino
da Universidade Estadual do Norte do Paraná
– *Campus* Cornélio Procópio, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Ensino.

CORNÉLIO PROCÓPIO – PR

2026

Ficha catalográfica elaborada por Juliana Jacob de Andrade - Bibliotecária, CRB/9 - 1669, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

A454c Alonso Filho, João Manoel Garcia
 Cartilha sobre prevenção às drogas e à violência
 escolar. / João Manoel Garcia Alonso Filho;
 orientador Pedro Henrique Carnevalli Fernandes -
 Cornélio Procópio, 2026.
 60 p. :il.

 Produção Técnica Educacional (Mestrado
 Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do
 Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da
 Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2026.

 1. Formação continuada de docentes. 2. Prevenção.
 3. Drogas. 4. Violência escolar. 5. Produto
 Educativo. I. Fernandes, Pedro Henrique
 Carnevalli, orient. II. Título.

CDD: 370.11

CARTILHA SOBRE PREVENÇÃO ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA ESCOLAR



JOÃO MANOEL GARCIA ALONSO FILHO

AUTOR

JOÃO MANOEL GARCIA ALONSO FILHO

ORIENTADOR

PROF. DR. PEDRO HENRIQUE CARNEVALLI FERNANDES

ILUSTRAÇÕES

CANVA®

FREEPIK®

CORNÉLIO PROCÓPIO - PR

2026

SÚMARIO

1 APRESENTAÇÃO.....	4
2 ABORDAGENS PARA ESTIMULAR O PENSAMENTO	6
3 A INTER-RELAÇÃO ENTRE USO E TRÁFICO DE DROGAS E A VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	12
4 A PREVENÇÃO COMO FORMA DE COMBATE ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	15
5 FATORES DE RISCO E FATORES DE PROTEÇÃO PARA DROGAS E VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	17
6 O QUE SÃO DROGAS PSICOTRÓPICAS?.....	20
6.1 DROGAS QUE DIMINUEM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL	21
6.1.1 BEBIDAS ALCOÓLICAS	21
6.1.2 ANSIOLÍTICOS	24
6.1.3 CALMANTE E SEDATIVOS (BARBITÚRICOS).....	26
6.2 DROGAS QUE AUMENTAM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL	28
6.2.1 TABACO	28
6.2.2 NARGUILÉ.....	31
6.2.3 CIGARRO ELETRÔNICO (VAPE).....	33
6.2.4 COCAÍNA.....	34
6.2.5 CRACK	35
6.3 DROGAS QUE PERTURBAM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL	36
6.3.1 MACONHA.....	36
6.3.2 HAXIXE	37
6.3.3 ECSTASY (MDMA)	38
7 ENTENDENDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	39
7.1 BULLYING COMO VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	41
7.2 CYBERBULLYING COMO VIOLÊNCIA ESCOLAR	42
7.3 ASSÉDIO SEXUAL COMO VIOLÊNCIA ESCOLAR	46
8 ABORDAGEM LEGAL SOBRE A PREVENÇÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO	49
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
10 REFERÊNCIAS.....	53

1 APRESENTAÇÃO

Este Produto Educacional integra a dissertação de Mestrado “Educação e prevenção: proposta de uma cartilha para formação continuada de docentes sobre drogas e violência escolar”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade do Norte do Paraná (UENP).

Professor e Professora, o objetivo desta cartilha é dar suporte para você que atua na educação básica. Servir como apoio orientativo. Ela é útil também como ferramenta de trabalho para tirar dúvidas e com várias dicas pedagógicas. Didaticamente trabalhado no formato de cartilha, para que você veja como é possível abordar à temática com seus alunos e suas alunas de maneira simples, prática e lúdica.

Optamos, então, pela elaboração deste Produto Educacional no formato de cartilha pelo seu caráter majoritariamente didático, educativo e formativo. Diferentemente de um guia, que entrega orientações técnicas ou procedimentos específicos, a cartilha promove a compreensão de maneira acessível, favorecendo a utilização em processos de formação continuada e em práticas educativas voltadas à prevenção das drogas e da violência escolar.

Além de fornecer subsídios teóricos fundamentados em evidências científicas, esta cartilha foi planejada para apoiar a atuação docente por meio de exemplos, reflexões e sugestões de abordagens pedagógicas. Assim, a finalidade não é estabelecer protocolos rígidos de intervenção, nem tecnicismos próprios de áreas de farmácia e médica, trata-se, então, de uma capacitação para agregar conhecimento a você, que já sabe muito e pode aumentar seus saberes na temática da prevenção às drogas e à violência escolar.

Apresentamos de forma simples o embasamento teórico, canais de comunicação e dicas de intervenções pedagógicas que podem ser usadas em sua prática docente. É salutar falar sobre drogas para preveni-las. Não significa apologia a elas, pelo contrário, representa entendimento e compreensão acerca de estudá-las para conhecê-las melhor, habilitando intervenções pedagógicas preventivas precisas e seguras.

Para o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, 2010), a prevenção ao uso de drogas é a possibilidade de proporcionar ao indivíduo, grupo ou comunidade, recursos capazes de evitar o uso de drogas, reduzindo fatores de risco e fortalecendo fatores de proteção.

Portanto, você, professor e professora, é peça-chave fundamental nesse processo. Pretendemos com esta cartilha abordar didaticamente as drogas, que representam graves riscos à saúde e à educação brasileira. Pretendemos ainda apontar a inter-relação entre as drogas e a violência escolar.

Para mais informações sobre o material, você pode entrar em contato pelo e-mail: joaomanoeldeleg@gmail.com.

Esperamos que este material traga contribuições para que você possa desenvolver ou aumentar suas habilidades para trabalhar essa temática no seu processo de atuação e de formação continuada.

Bom estudo!

2 ABORDAGENS PARA ESTIMULAR O PENSAMENTO

As abordagens motivacionais abaixo têm como foco iniciar os trabalhos e estimular o pensamento em torno de uma vida saudável e segura longe das drogas e da violência escolar.

✓ 1ª ABORDAGEM

- ✓ Segundo Gleiser (2014), a vastidão do cosmos, do universo, com suas incontáveis galáxias e estrelas, contrasta com o fato de que, até onde a ciência alcança, a vida só foi confirmada na Terra, o que ressalta sua raridade, motiva novas investigações e reforça a responsabilidade de preservar nosso planeta.
- ✓ Nesse contexto, professor(a), se as drogas causam malefícios diretos à saúde, educação e família, é necessário que o usuário pense na raridade da vida universal e o destino que dará a sua vida caso ingresse no mundo das drogas.

DICAS

1) Professor(a), explore a reflexão do aluno para que possa pensar sobre o mal que fará a sua existência enquanto ser vivo e racional se entrar para o mundo das drogas, sempre focando no benefício da **prevenção**.



2) Explique que **prevenir** às drogas é a forma mais inteligente de preservar uma vida saudável e com maiores perspectivas de sucesso educacional e social. O uso de drogas interfere diretamente na aprendizagem e na vida estudantil.

3) Disciplinas, como Ciências, Geografia e Física, podem fazer abordagens sobre a **prevenção** às drogas fazendo “gancho” com suas explicações dentro de temas do universo, terra, vida etc.

4) Já em Português e Artes com textos, leituras, discussões, pinturas, colagens e encenações sobre a raridade da vida e os benefícios da **prevenção** às drogas.

✓ 2ª ABORDAGEM

- ✓ Expectativa de vida do brasileiro e a importância de uma formação estudantil proveitosa e responsável, capaz de possibilitar futuro com vida digna, perspectivas e ascensão de classe social.
- ✓ Nesse sentido, o brasileiro vive em média 75 anos, estudando e se preparando principalmente durante os anos iniciais, poderá viver satisfatoriamente por mais de 50 anos.
- ✓ Ora, numa vida que tende a ser longa, a dedicação em anos iniciais prevenindo drogas e violências o jovem terá melhores condições de vida amanhã. Logo, o empenho vale muito a pena.

DICAS

1) Professor(a), mostre para seus alunos que a vida vale a pena, **prevenir** drogas e violência escolar implica em ganhos reais na quantidade e na qualidade de vida.



2) Explique para os alunos que raciocinem sobre a importância da **prevenção** às drogas e à violência escolar o quanto antes. Tal como na construção de uma casa é a construção de uma vida. O alicerce, a base, merece atenção e destaque para dar sustentação ao restante da casa. Uma base bem-feita garante estrutura e suporte pelo restante do tempo.

3) Realce sempre a **importância da escola** para a vida dos alunos, não só como local onde se aprendizagem, mas de convivência e de vida saudável.

4) Realce, também, aos alunos **frases** como: você já sabe, mas é bom lembrar, drogas é fácil e entrar e difícil de sair.

✓ 3ª ABORDAGEM

- ✓ Germinação de sementes.
- ✓ Uma pessoa que planta uma sementinha de milho, se for bem cuidada na origem, com solo, regas, nutrientes e iluminação, germinará. Com o tempo e bem cuidada crescerá. Seguindo seu ciclo e sua vida, o pé de milho poderá produzir espigas com centenas de grãos de milho.
- ✓ Professor(a), mostre a seus alunos que assim como uma semente bem cuidada rende centenas delas, a escola melhora as pessoas. A educação bem trabalhada dá muitos e bons frutos.

DICAS



1) Professor(a), incentive seus alunos, o máximo possível, sobre o ditado popular “aquele que planta colhe”. Plantando uma semente e cuidando bem dela, vai colher muito mais que uma única semente, mas várias, dezenas ou centenas delas. Logo, vale muito a pena o empenho.

2) Também é sempre bom lembrá-los de que se dedicando aos estudos hoje, poderá colher bons e muitos frutos amanhã. Até mesmo como forma de ascensão social.

✓ 4ª ABORDAGEM

- ✓ A crueldade do capitalismo e do mundo atual.
- ✓ A vida sendo alimentada por dimensões competitivas entre pares, o ter para muitas pessoas é mais importante do que o ser. Na verdade, o objetivo central da vida humana não é esse. A competição desenfreada motiva hábitos de vida não saudáveis, podendo causar adoecimento físico e adoecimento mental.
- ✓ Professor(a), nossos estudantes devem ser orientados quanto a isso. A reflexão dirigida para a reflexão individual e coletiva, como forma de proteção, também valoriza o papel formativo escolar.
- ✓ Cada um deve valorizar e respeitar sua vida, sua individualidade e sua saúde de acordo com suas convicções e não pelas imposições a estilos de vida focados naquilo que os outros pensem ou em vencer na vida a qualquer custo.

DICAS



- 1) Professor(a), trabalhe com seus estudantes a qualidade de vida em detrimento do adoecimento por problemas de saúde mental, decorrentes da competição exacerbada do dia a dia.
- 2) Estimule-o para uma vida que valha a pena ser vivida, dentro das nuances individuais de cada um.
- 3) Veremos à frente que um dos motivos que leva jovens a usar drogas é a influência de colegas e a traficar é a perspectiva de ganhar dinheiro.

✓ 5ª ABORDAGEM

- ✓ Leis de Newton.
- ✓ Comparações com a lei da inércia, ação e reação e causa e efeito com comportamentos humanos, em especial de estudantes. Se plantar milho, vai colher milho; quem estudar colherá bons resultados; quem não se dedicar possivelmente não terá boas oportunidades; quem fazer uso de drogas, terá seus efeitos esperados e inesperados; quem for violento sofrerá as consequências desse comportamento em sua vida.
- ✓ Professor(a), oriente os estudantes quanto a tomar suas próprias decisões e a responsabilidade sobre elas e mostrar para eles a importância sobre a capacidade de desenvolver a autoconfiança, autocrítica e autodeterminação. Estimulando os jovens a dizer não quando não querem algo. Não é não e deve ser respeitado, como, por exemplo, aquele que não está a fim beber cerveja, vinho, fumar ou beijar alguém.

DICAS



- 1) Professor(a), faça ligações entre a temática das drogas e da violência escolar com a da ação e reação/causa e consequência.
- 2) Exemplos práticos que você poderá usar: plantar milho, colhe milho e não feijão; fazer exercícios, fortalece o corpo e saúde; usou drogas, sofrerá seus malefícios; é violento, terá as consequências desse comportamento; não se dedicou nos estudos, terá menos condições de acesso a bons empregos e maiores ofertas de serviços pesados e braçais.

✓ **6ª ABORDAGEM**

- ✓ A canção “Paciência” chama a atenção para vivermos com mais calma em um mundo que exige pressa, competitivo o bastante para adoecer as pessoas.
- ✓ Professor(a), vamos buscar uma reflexão sobre a raridade da vida, a necessidade de paciência em um mundo louco que pede pressa, conforme apregoa a letra de Lenine e Falcão (1999).

Paciência

Lenine e Falcão (1999)

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para

Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora vou na valsa
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara (Tão rara)

3 A INTER-RELAÇÃO ENTRE USO E TRÁFICO DE DROGAS E A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Professor(a), vamos mostrar a seguir embasamentos teóricos sobre a inter-relação entre uso e tráfico de drogas e a violência escolar, causas e consequências que muitas vezes se entrelaçam e justificam o enfrentamento escolar conjuntamente, por isso, optamos pelo estudo em comum desses fenômenos.

Para Abramovay e Rua (2002), a conexão entre drogas e violência escolar é complexa e envolve fatores sociais, institucionais e individuais. A iniciação precoce, o tráfico no entorno e na escola, a exclusão social, a violência simbólica e os vínculos afetivo-pedagógicos frágeis intensificam o problema. Esses elementos se articulam e degradam o clima escolar, afetando o ensino, a aprendizagem e a convivência (Abramovay; Rua, 2002).

Nesse sentido, evidências demonstram que o consumo de álcool, cigarro ou outras drogas se associa a maior envolvimento em conflitos, agressões e bullying, para meninos e para meninas, o que caracteriza o uso de substâncias como fator de risco para comportamentos violentos (Diniz et al., 2019). O estudo de Diniz et al. (2019) ainda aduz que intervenções escolares planejadas, como palestras, rodas de conversa e educação para a saúde, reduzem tanto drogas quanto violência, tornando o ambiente mais seguro. Dessa forma, associa o enfrentamento escolar de modo comum para drogas e para a violência.

Ainda exigindo atuação escolar simultânea para drogas e violência, Alencar Santos et al. (2023) apontam que as mudanças comportamentais e emocionais próprias da adolescência ampliam a exposição a riscos. O mesmo estudo mostra que programas integrados incentivando denúncia e solidariedade ajudam a romper o ciclo de vulnerabilidades para o fortalecimento da convivência, das habilidades individuais e cultura de paz (Alencar Santos et al., 2023).

Bezerra et al. (2020) evidenciam que no dia a dia o consumo de drogas relaciona-se ao aumento de conflitos, indisciplina e prejuízo pedagógico, demandando políticas educacionais permanentes que unam prevenção, promoção da saúde e mediação de conflitos com participação de professores, estudantes e famílias. Além disso, associando e mostrando a inter-relação entre o consumo de drogas, violência escolar e o respectivo combate (Bezerra et al., 2020).

Por sua vez, Diniz et al. (2019) e Silva (2020) apontam a inter-relação existente entre idade precoce no uso de drogas com a violência. Eles evidenciaram que a iniciação costuma ocorrer cedo, muitas vezes pelo álcool e tabaco, favorecida por disponibilidade social, influência de pares e acesso em contextos familiares e festivos, o que eleva riscos de violência quanto menor a idade de início (Diniz et al., 2019; Silva, 2020). Por isso, medidas preventivas também precoces são estratégicas para reduzir danos ao longo da trajetória escolar.

Vendo a inter-relação pelo foco do território e da estrutura social, Abramovay e Rua (2002) apontam as áreas vulneráveis, pois a escola é disputada por traficantes e jovens são aliciados; já em contextos de média e alta renda, prevalecem violências simbólicas e o consumo das drogas é mais velado, mostrando que o problema assume feições distintas conforme o contexto (Abramovay; Rua, 2002).

Zaluar (1999) apresentou uma perspectiva mais sociológica, cujo viés causa e efeito, aponta inter-relação do uso e tráfico de drogas e violência escolar, pois há exclusão e a falta de perspectivas tornam o tráfico alternativa de renda e *status*, alimentando medo, evasão escolar e insegurança, inerentes a ambientes violentos.

Nesse mesmo contexto, Abramovay e Rua (2002) apontam que o quadro é agravado se o vínculo escolar entre professor-aluno for frágil, gestão pouco acolhedora, ausência de mediação dialógica de conflitos e ambiente protetivo, cenário onde se multiplicam o desestímulo, a evasão escolar, violências e uso de drogas, com a escola reproduzindo desigualdades (inter-relação entre drogas e violência).

Em contrapartida, como forma de combate, prevenção contínua às drogas e à violência escolar, gestão democrática e práticas pedagógicas inclusivas consolidam a escola como espaço de proteção, inclusão, paz e desenvolvimento humano (Abramovay; Rua, 2002).

Lista de referências para ajudar na compreensão dessa inter-relação

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002 >> Link: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967_por

ALENCAR SANTOS, Euliana et al. Conscientização sobre violência e uso de drogas em uma escola municipal: um relato de experiência. **Revista Formadores**, v. 20, suplemento, e1928, 2023 >> Link: <https://adventista.emnuvens.com.br/formadores/article/view/1928>



BEZERRA, Adriano Alves et al. Consumo de drogas na escola: uma reflexão crítica acerca das respectivas implicações. **Temas em Saúde**, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 154–169, 2020 >> Link: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2020/06/20306.pdf>

DINIZ, Beatriz Ferreira et al. Abordagem sobre bullying, drogas e violência com adolescentes na escola. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 3454-3460, jul./ago. 2019 >> Link: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/2389/2408>

SILVA, Debora Cavalcante da. **Estudo sobre a prevenção do uso indevido de álcool e outras drogas em um instituto federal de educação no estado de São Paulo**. 2020. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020 >> Link: <https://repositorio.ifsp.edu.br/server/api/core/bitstreams/a710e565-b8ab-47a8-b5ca-6cb4290afb2e/content>

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em perspectiva**, volume 13, número 3, p. 3-17, 1999 >> Link: <https://www.scielo.br/j/spp/a/YtDsTzWVBr8g3KRP5bCy3gs/?lang=pt>

4 A PREVENÇÃO COMO FORMA DE COMBATE ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA ESCOLAR

Quando se pensa no uso de drogas e na violência escolar a prevenção escolar desponta como a melhor forma de enfrentamento. Apoiando em trabalhos científicos, *sítes* e plataformas sobre o tema, veremos que o ambiente escolar é salutar para educar para saúde e para cultura de paz, graças a seu empenho professor(a).

A prevenção pode ser entendida como antecipação para evitar danos, reduzindo fatores de risco e fortalecendo os fatores de proteção no indivíduo e na comunidade (CEBRID, 2010). Iniciar cedo é decisivo: intervenções na infância promovem vínculos, autoestima e habilidades sociais, favorecendo permanência escolar e menor demanda por droga (Silva, 2020).

No âmbito escolar, prevenir é estratégico e deve integrar a função educativa, orientando-se para a saúde e a segurança dos estudantes (Abramovay; Rua, 2002). As ações pontuais e extracurriculares isoladas tendem a baixa eficácia e os resultados superiores surgem com programas planejados, estruturados e contínuos (Abramovay; Rua, 2002; Moreira; Vóvio; De Michelli, 2015). A escola reflete violências sociais e, também, pode produzir violências próprias, por isso, intervenções focadas em acolhimento, inclusão, segurança e convivência são centrais (Moreira; Vóvio; De Michelli, 2015).

Abramovay e Rua (2002) evidenciaram que temas transversais, como ética, saúde, diversidade e cultura de paz precisam de inserção curricular gradual e permanente. Os programas preventivos consistentes melhoram o clima escolar, reduzem conflitos e elevam o engajamento discente, melhorando as relações de confiança entre professor-aluno, cumulados ao debate crítico funcionam como fatores de proteção e somados à formação docente cria visão mais sólida sobre drogas e dependência (Moreira; Vóvio; De Michelli, 2015).

Diversos trabalhos apontam que a escola deve institucionalizar a prevenção como prática regular e não episódica, isso requer políticas, rotinas e responsabilidades explícitas, além de comunicação clara com a comunidade (Araújo; Ribeiro, 2021; Lima; Lasneau, 2022). O enfoque deve ser crítico e emancipador, evitando moralismos punitivos. Protocolos de redução de danos e educação para o autocuidado são adequados a contextos diversos e aumentam a adesão dos estudantes (Figueiredo et al., 2014).

Sob a ótica econômica, prevenção é investimento de alto retorno: estima-se poupar múltiplos recursos para cada unidade investida, já que para cada dólar investido na prevenção, são necessários dez dólares em outras políticas públicas, o que reforça sua priorização educativa (UNODC, 2014). Logo, estratégias preventivas são eficazes e a menor custo também, portanto, até economicamente os ganhos são relevantes. Para ter êxito na prevenção é necessário gestão democrática, planejamento contínuo, formação continuada de professores e participação ativa de estudantes e suas famílias (Lima; Lasneau, 2022). A construção conjunta de conhecimento tem maior eficácia do que ações isoladas (Moreira; Vóvio; De Michelli, 2015).

Portanto, a prevenção escolar efetiva combina políticas institucionais permanentes, práticas pedagógicas acolhedoras, redução de danos e redes intersetoriais. Ao reduzir riscos e ampliar proteções, a escola torna-se espaço de proteção, inclusão e desenvolvimento humano, quebrando a ligação entre drogas e violências (Abramovay; Rua, 2002; Figueiredo et al., 2014; Galuch et al., 2020).

Professor(a), essas dicas são para você:

DICAS



- Rodas de conversa e dinâmicas de grupo desenvolvem escuta ativa, expressão de sentimentos e vínculos, viabilizando debates sobre bullying, drogas e conflitos (Silva et al., 2013).
- Oficinas práticas, artes e esportes ampliam engajamento e competências socioemocionais (Galuch et al., 2020).
- Leituras, debates e projetos comunitários aproximam escola, famílias e território, construindo redes de apoio e integração social (Silva et al., 2013; Galuch et al., 2020).
- Palestras e seminários reforçam cidadania, saúde mental e direitos humanos, consolidando cultura de paz (Silva et al., 2013).

5 FATORES DE RISCO E FATORES DE PROTEÇÃO PARA DROGAS E VIOLÊNCIA ESCOLAR

Entender os fatores de risco é necessário para conhecer as causas, as condicionantes individuais, familiares, escolares e sociais que exercem influência no comportamento das pessoas, em especial dos alunos, aumentando a probabilidade de envolvimento com as drogas e a violência escolar. Assim, professor(a), podemos saber onde nossa atuação poderá impactar melhor na prevenção.

Exemplos subjetivos:

- Dificuldade em lidar com emoções e frustrações;
- Curiosidade;
- Baixa autoestima;
- Isolamento social;
- Aceitação no grupo de amigos.

Exemplos familiares:

- Ausência de diálogo;
- Ausência de afeto;
- Solução de conflitos familiares por meio da violência;
- Desestruturação da família;
- Violência doméstica;
- Influência de familiar envolvido com drogas (uso e/ou tráfico).

Exemplos escolares:

- Estrutura predial (inapropriada, abandonada e sem manutenção; banheiros quebrados e sujos; vidros quebrados; pintura velha; pichações; e grades demasiadas separando compartimentos);
- Ambiente inseguro;
- Ambiente hostil e ameaçador;
- Evasão, repetência e baixo desempenho escolar;
- Ausência de vínculos (professor com aluno, aluno com professor, escola com aluno, aluno com escola, alunos com outros alunos, pais com a escola e pais com professores);

- Ausência de espaços humanizados;
- Ausência de espaços e equipamentos esportivos;
- Ausência de espaços para diálogos;
- Tolerância com comportamentos agressivos, discriminatórios e violentos.

Exemplos comunitários:

- Facilidade de acesso às drogas (cidade, bairro, entorno escolar, escolar e familiar);
- Falta de urbanização acolhedora (má iluminação, becos, ruas intransitáveis, praças, quadras e campos esportivos);
- Carência de áreas de lazer (espaços culturais, caminhadas e recreativos);
- Desigualdade social (dificuldade de emprego e renda, falta de oportunidades).

Por sua vez, os fatores de proteção são condicionantes que atuam no indivíduo, em sua família, na escola e socialmente, tornando o estudante capaz de refletir melhor e lidar com os desafios das drogas e da violência com condições de evitá-las.

Exemplos subjetivos:

- Capacidade de lidar com emoções e frustrações;
- Curiosidade;
- Autoestima;
- Boa interação social;
- Autocontrole e resistência do grupo de amigos.

Exemplos familiares:

- Diálogo aberto;
- Afeto;
- Solução dialógica de conflitos familiares;
- Apoio familiar;
- Exemplos e influência familiar positiva.

Exemplos escolares:

- Estrutura predial adequada (pinturas e manutenção dos espaços);
- Ambiente escolar seguro;
- Ambiente escolar acolhedor;
- Atividades pedagógicas que estimulem o pertencimento e o vínculo (professor com aluno, aluno com professor, escola com aluno, aluno com escola, alunos com outros alunos, pais com a escola e pais com professores);
- Presença de espaços humanizados;
- Presença de espaços e equipamentos esportivos;
- Presença de espaços para diálogos e de convivência;
- Incentivo a práticas dialógicas para solução de conflitos;
- Providências com comportamentos agressivos, discriminatórios e violentos.

Exemplos comunitários:

- Maior dificuldade de acesso às drogas (cidade, bairro, entorno escolar, escolar e familiar);
- Urbanização acolhedora (limpeza, boa iluminação, ruas transitáveis, praças, quadras e campos esportivos);
- Presença de áreas de lazer (espaços culturais, caminhadas e recreativos);
- Presença de apoio social por meio de grupos sociais, comunitários e religiosos;
- Rede de apoio aos adolescentes vulneráveis;
- Inclusão social por meio de programas de incentivo ao emprego e renda.

**ATENÇÃO PROFESSOR(A)**

Julgamentos causam distanciamento na relação professor-aluno e afastam as crianças e os adolescentes de você quando elas mais precisam de apoio. Para ganhar a confiança delas, você deve ouvi-las para que se sintam seguras.

6 O QUE SÃO DROGAS PSICOTRÓPICAS?

As drogas psicotrópicas são substâncias que ao serem introduzidas no organismo interferem no funcionamento do Sistema Nervoso Central, diminuindo (quantitativamente), aumentando (quantitativamente) ou perturbando (qualitativamente) sua atividade (CEBRID, 2010).

Professor(a), veremos agora diferentes tipos de drogas, considerando a modificação causada no Sistema Nervoso Central. É claro que existem outras, mas vamos estudar apenas as mais presentes na sociedade ou as que demonstram preocupação pelo uso entre estudantes.

DROGAS QUE DIMINUEM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL

- Bebidas alcoólicas;
- Ansiolíticos;
- Calmantes e Sedativos.

DROGAS QUE AUMENTAM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL

- Tabaco;
- Narguilé;
- Cigarro eletrônico (Vape);
- Cocaína;
- Crack.

DROGAS QUE PERTURBAM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL

- Maconha;
- Haxixe;
- Êxtase (MDMA).

ATENÇÃO PROFESSOR(A)

Nem todas as drogas são substâncias proibidas, ou seja, algumas são de uso lícito (medicamentos, bebidas alcoólicas, tabaco etc.).

Os medicamentos podem exigir prescrição médica para venda.

Quanto às bebidas e ao tabaco, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990, proíbe a comercialização e o fornecimento de bebidas alcoólicas e tabaco para menores de 18 anos (Brasil, 1990).



Podemos suspeitar que o estudante esteja usando algum tipo de droga por vários aspectos: (i) mudança repentina, persistente e conjunta no comportamento (irritabilidade ou apatia incomum, isolamento ou troca brusca de amizades); (ii) no rendimento escolar (queda rápida nas notas, faltas frequentes, sonolência ou agitação fora do contexto, possíveis odores característicos ou objetos associados); e (iii) pela aparência física (desleixo e falta de asseio). Entretanto, esses sinais são apenas indicativos e isoladamente também não evidenciam uso efetivo de substâncias; são importantes para indicar medidas de apoio e acolhimento. O papel escolar não é diagnosticar ou punir.

O cigarro eletrônico tem sua comercialização vedada no Brasil pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), por meio da Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 855 (Brasil, 2024a).

Atividades pedagógicas que valorizem a saúde e expliquem o funcionamento do sistema nervoso e os impactos das drogas são viáveis e estimulam a reflexão de seus alunos:

- Mostre vídeos educativos;
- Incentive pesquisas na internet e em jornais;
- Realize debates e rodas de conversa;
- Incentive hábitos saudáveis explorados em atividades físicas e gincanas.

6.1 DROGAS QUE DIMINUEM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL

6.1.1 BEBIDAS ALCOÓLICAS

As bebidas alcoólicas são bebidas contendo álcool em suas formulações. O álcool é o princípio ativo que atua no Sistema Nervoso Central e age depressando-o, ou seja, diminuindo sua atividade. Por esse motivo, também é uma droga psicotrópica. É a droga mais consumida mundialmente, muito comum entre os adultos, jovens e estudantes. Os seus efeitos são diferentes a depender da quantidade ingerida, da graduação alcoólica e também da resistência alcoólica de quem a ingere. (CEBRID, 2010).

EXEMPLOS DE BEBIDAS ALCÓOLICAS

- Cerveja;
- Vinho;
- Cachaça;
- Uísque;
- Vodka.
- Gin.

As primeiras doses da bebida alcoólica atuam no Sistema Nervoso Central causando uma baixa euforia, onde o usuário fica menos inibido e mais falante; continuando a ingestão, a pessoa tende a ficar mais calma e com alguma dificuldade de fala; prosseguindo, vai ficando depressiva, com dificuldade motora, descontrole e sono; por fim, se continuar a ingestão, pode chegar ao coma alcoólico e até ao óbito (CEBRID, 2010). Algumas consequências quanto ao uso de bebidas, conforme CEBRID (2010):

- A ingestão de álcool facilita a ocorrência de acidentes de trânsito, pois a pessoa tem reflexos e coordenação motora diminuídos, pelo mesmo motivo, além de dirigir, também não deve operar outras máquinas que representam perigo;
- O álcool provoca tolerância devido ao fato de os usuários precisarem de doses cada vez maiores para atingir os mesmos efeitos de doses anteriores;
- O uso frequente de bebidas alcoólicas pode levar ao alcoolismo (nome dado aos dependentes do álcool), nesse caso, a repentina parada na ingestão de bebida alcoólica acarreta crise de abstinência ao álcoolatra;
- O uso está associado ao aumento da probabilidade de desenvolvimento de ansiedade e da depressão;
- O usuário de álcool pode desenvolver doenças gastrointestinais, hipertensão arterial, pancreatites, problemas cardíacos, esteatose e cirrose hepáticas;
- O uso frequente afeta a área cognitiva do Sistema Nervoso Central, associado à dificuldade de memória, atenção e aprendizagem;
- O usuário fica despreocupado com as consequências de seus atos, menos tolerante e irritado, sendo comum o envolvimento em brigas, confusões e crimes;
- Faltas e atrasos no trabalho ou escolar;
- Queda no rendimento e/ou evasão escolar.

ATENÇÃO PROFESSOR(A)

O consumo de álcool associado a outras drogas potencializa seus efeitos e malefícios.

O uso concomitante com energético favorece a maior ingestão de bebidas alcoólicas e, conseqüentemente, ao coma alcoólico, porque o energético é estimulante e mascara a sensação de estar alcoolizado.

O uso abusivo por crianças e adolescentes é porta de entrada para outras drogas mais potentes no futuro.

Atualmente, a mídia brasileira tem enfatizado casos de morte de pessoas que fizeram a ingestão de bebidas alcoólicas contendo metanol (espécie de álcool tóxico).

Em festas ou concentração de jovens tem sido comum a ingestão de “Copão”, ou seja, nome dado a vodka ou gin com gelo saborizado. Como é barato, tem sido muito consumido. Entretanto, são bebidas de alta graduação alcoólica e de baixa qualidade, trazendo risco à saúde pela falta de fiscalização das bebidas, do gelo saborizado e pouca assepsia envolvida.



As bebidas alcoólicas são comuns socialmente entre famílias, adultos e jovens. Crianças e adolescentes, infelizmente, têm acesso a elas, mesmo sendo crime no Brasil o fornecimento, a venda ou a entrega de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos (Brasil, 1990).

Os impactos negativos ao estudante e à instituição escolar são significativos. A sua intervenção é fundamental. Atividades pedagógicas baseadas nos fatores de risco e na proteção ajudam nessa intervenção.

Campanhas educativas sobre o Dia Nacional de Combate às Drogas e ao Alcoolismo (20/02) e Dia Mundial Sem Álcool (15/11) são oportunidades para tratar do tema interdisciplinarmente.

Exemplos de abordagens pedagógicas sempre mediadas por docentes

- Debates direcionados aos estudantes discutem os malefícios pessoais, familiares, sociais e escolares;
- Oficinas e cartazes;
- Quizes sobre verdades e mentiras;
- Artes e músicas;
- Rodas de conversa.

6.1.2 ANSIOLÍTICOS

Também chamados de tranquilizantes, os ansiolíticos são medicamentos usados na redução de ansiedade e atuam no Sistema Nervoso Central diminuindo sua atividade. Muitos ansiolíticos são consumidos como medicamentos prescritos por médicos para reduzir a tensão e a ansiedade, para relaxamento e, principalmente, para pessoas com dificuldade para dormir por induzirem ao sono. O uso enquanto medicamento é controlado por meio de prescrição médica. (CEBRID, 2010).

Os ansiolíticos acabam sendo abusivamente usados e podem trazer malefícios. Afetam o desempenho cognitivo, causando perda de memória e de aprendizagem e comprometem a coordenação motora e os reflexos do usuário (CEBRID, 2010). O uso frequente pode causar dependência física e psicológica, além de tolerância (doses maiores para ter o mesmo efeito de antes). A mistura com o álcool potencializa os efeitos. (CEBRID, 2010).



ATENÇÃO PROFESSOR(A)

Segundo o CEBRID (2010), há prevalência maior de uso de ansiolíticos entre as meninas em idade escolar do que entre os meninos.

Professor(a), observe no Quadro 1 exemplos de produtos, características, efeitos e riscos dos ansiolíticos. Os medicamentos ansiolíticos induzem sonolência e reduzem atenção, memória e desempenho psicomotor, com risco de dependência, tolerância e abstinência. O lorazepam pode levar ao coma quando combinado com álcool; o clonazepam afeta memória e aprendizagem; o bromazepam eleva o risco de acidentes; e o flunitrazepam provoca sono profundo, amnésia e pode ser teratogênico em gestantes (CEBRID, 2010).

Quadro 1. Ansiolíticos: exemplos de produtos, características, efeitos e riscos

Produtos	Características	Efeitos	Riscos
Diazepam	Ansiolítico benzodiazepínico; reduz ansiedade e induz sono	Relaxamento, sedação, sonolência e prejuízo psicomotor e cognitivo	Dependência, tolerância, abstinência com convulsões; potencializa os efeitos com uso de álcool
Lorazepam	Ação sedativa e ansiolítica; uso frequente em transtornos de ansiedade	Sonolência, sedação, relaxamento muscular, diminui a atenção e memória	Dependência, tolerância, abstinência com convulsões; potencializa os efeitos com uso de álcool
Clonazepam	Eficaz contra ansiedade, pânico, convulsões e sono	Redução da ansiedade, sedação prolongada, relaxamento muscular	Dependência; sonolência, fraqueza, dificuldade na memorização, concentração e aprendizagem; potencializa os efeitos com uso de álcool
Bromazepam	Muito usado para crises de ansiedade, tensões nervosas e falta de sono por estresse	Alívio da tensão, mas com risco de lentidão mental; sono; tontura; fraqueza	Dependência; sonolência, fraqueza, dificuldade na memorização, concentração e aprendizagem; potencializa os efeitos com uso de álcool
Flunitrazepam	Sedativo potente de ação prolongada; hipnótico também; uso abusivo perigoso	Indução ao sono profundo; amnésia	Dependência; sonolência, fraqueza, dificuldade na memorização, concentração e aprendizagem; potencializa os efeitos com uso de álcool
Fonte: CEBRID (2010)			

DICAS

- Incentivar vida saudável por meio de atividades, como, por exemplo, o controle natural dos sentimentos e as atividades que demonstrem o risco e os malefícios do uso de medicamentos sem receita médica.
- Várias disciplinas podem explorar bem o estilo de vida saudável e estimular o debate e as discussões sobre os benefícios das atividades físicas e os malefícios para a saúde do uso indiscriminado desses medicamentos.

6.1.3 CALMANTE E SEDATIVOS (BARBITÚRICOS)

Os calmantes e sedativos são substâncias responsáveis pela diminuição da atividade do Sistema Nervoso Central rapidamente. Como medicamentos são indicados para alívio da tensão, pois trazem sensação de calma, sonolência, fala mansa e perda de coordenação motora. Pequenas doses são suficientes para fins terapêuticos. Elas se aproximam do uso abusivo e da dose tóxica, podendo acarretar parada respiratória e até a morte. O uso enquanto medicamento é restrito à prescrição médica. (CEBRID, 2010). O uso concomitante com álcool potencializa o risco de intoxicação e morte e o uso contínuo pode ocasionar dependência física e psíquica, além da necessidade de doses cada vez maiores para produzir os efeitos iniciais – tolerância (CEBRID, 2010).



ATENÇÃO

Usar medicamentos sem prescrição médica pode fazer mal à saúde do usuário, principalmente, como droga de abuso.

Professor(a), observe no Quadro 2 os produtos, características, efeitos e riscos dos calmantes e sedativos. Os medicamentos, como fenobarbital, tiopental, butabarbital e secobarbital, são depressores potentes do Sistema Nervoso Central, indicados como sedativos, hipnóticos, anticonvulsivantes ou anestésicos, sempre sob prescrição médica. Podem causar sonolência, sedação e, em doses altas, perda de consciência, fala arrastada e prejuízo motor. Apresentam risco elevado de intoxicação, depressão respiratória, coma e morte. Pode levar a dependência, tolerância e abstinência, sendo potencialmente mais perigosos quando combinados com álcool. (CEBRID, 2010).

Quadro 2. Calmantes e sedativos: produtos, características, efeitos e riscos

Produtos	Características	Efeitos	Riscos
Fenobarbital	Sedativo-hipnótico; usado em epilepsia	Sonolência, relaxamento, dificuldade de concentração	Dependência física e psíquica; convulsões na abstinência
Tiopental	Usado como anestésico intravenoso	Sedação profunda e rápida perda de consciência	Risco de coma e morte por depressão respiratória
Butabarbital	Antigo sedativo para dores de cabeça	Fala arrastada, prejuízo motor e atenção	Intoxicação fácil por pequena diferença de dose
Secobarbital	Potente hipnótico, uso médico restrito	Sono profundo com risco de embriaguez e amnésia	Potencial teratogênico; abstinência neonatal
Barbitúricos em geral	Depressores do Sistema Nervoso Central com ação rápida e intensa	Redução da ansiedade e da atividade cerebral	Tolerância; risco aumentado com uso de álcool
Fonte: CEBRID (2010)			

DICAS



- Assim como nos ansiolíticos, os calmantes e sedativos são medicamentos e passam a ser drogas psicotrópicas quando usados de forma abusiva.
- Muitas vezes são usados por pessoas que desconhecem suas características e seus perigos.
- Atividades pedagógicas demonstrando que o uso de medicamentos sem conhecimento médico pode trazer malefícios a saúde do usuário reafirmam para um estilo de vida saudável.
- Disciplinas que trabalhem estilo de vida saudável e os malefícios para a saúde do uso indiscriminado desses medicamentos são bem-vindas.

6.2 DROGAS QUE AUMENTAM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL

6.2.1 TABACO

O tabaco se trata de um vegetal usado para fumar, cuja forma mais consumida no mundo é por meio de cigarros, mas há outras possibilidades de uso como cigarro eletrônico, narguilé, charutos e cachimbos (Malta et al., 2024). A fumaça é inalada e substâncias prejudiciais à saúde são absorvidas pelo organismo, como: nicotina, alcatrão, monóxido de carbono, metais pesados e hidrocarbonetos aromáticos (CEBRID, 2010). Algumas delas são potencialmente tóxicas e cancerígenas, podendo atingir quase todos os órgãos do corpo (CEBRID, 2010).

A nicotina é o princípio ativo responsável pela alteração no funcionamento do Sistema Nervoso Central, estimulando-o, logo, também é uma droga psicotrópica (CEBRID, 2010). Provoca alterações comportamentais e de humor do usuário, pois ativa a liberação de dopamina, hormônio responsável pela sensação de prazer e recompensa, por isso, a falta repentina no organismo de quem já se habituou à nicotina pode desencadear crise de abstinência, caracterizada por irritabilidade, dor de cabeça, insônia e fissura (grande vontade de fumar), segundo CEBRID (2010).

O hábito de fumar causa o tabagismo, ou seja, seu vício. A convivência de pessoas não fumantes com fumantes familiares, amigos ou pessoas próximas expõe a eles malefícios, é o que se denomina de fumante passivo ou indireto (Malta et al., 2024).

Segundo Klein et al. (2021), os adolescentes são levados ao tabagismo principalmente por influência de amigos (68%), familiares que fumam (8%) e pela mídia (7%), cujo consumo vem associado ao uso de bebidas alcoólicas (11,8%), ansiedade ou tristeza (10,3%) e proporcionam alegria (10,6%). A nicotina nessa faixa etária eleva a probabilidade de doenças graves na fase adulta, como, por exemplo, cânceres e doenças respiratórias.

A dependência entre crianças e adolescentes também é mais rápida e intensa. O tabaco é tido como primeiro contato com drogas psicotrópicas, facilitando o acesso ao álcool e às outras drogas na fase adulta. Os adolescentes que fumam prejudicam o ambiente escolar por comprometer a convivência e também contradizendo o papel da escola como promotora da saúde (Klein et al., 2021).

O tabagismo está associado ao menor rendimento escolar, baixo desempenho cognitivo e aumento da evasão escolar. Estudantes fumantes criam um ambiente de risco coletivo, contradizendo com o papel escolar de ambiente saudável e de proteção (Klein et al., 2021).

O uso do tabaco diminuiu e vem permanecendo estável no Brasil entre 2015 e 2019, entretanto, outros dispositivos para fumar como narguilé e cigarro eletrônico tiveram crescimento expressivo, inclusive o cigarro eletrônico teve e está com sua comercialização proibida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Malta et al., 2024).

Professor(a), observe no Quadro 3 que o tabaco é rico em nicotina e outras toxinas, causa forte dependência, sendo difícil parar de fumar; seu uso contínuo pode levar a câncer, doenças cardiovasculares, Acidente Vascular Cerebral e morte, além de prejudicar não fumantes pelo fumo passivo. É comum entre jovens e adultos e pode ser porta de entrada para outras drogas, gerando impactos sociais e financeiros.

Quadro 3. Tabaco: aspectos e características

Aspectos	Características
Composição	Tabaco industrializado contendo nicotina, alcatrão e monóxido de carbono
Forma de uso	Fumado por inalação direta; absorção rápida da nicotina pelos pulmões
Efeitos no organismo	Causa estímulo leve, sensação momentânea de prazer, alívio momentâneo da ansiedade e dependência
Malefícios à saúde	Diversos tipos de cânceres, como na boca, pulmões etc. Doenças cardiovasculares, cerebrais como Acidente Vascular Cerebral e até a morte
Fumo passivo	Afeta não fumantes expostos à fumaça, incluindo crianças e familiares
Situação no Brasil	Ainda amplamente consumido, especialmente por adultos e jovens em iniciação
Porta de entrada	Pode levar ao uso de outras substâncias como álcool e maconha
Dependência	Nicotina vicia física e psicologicamente, tornando dificultoso o abandono
Danos sociais	Custos pessoais e produtivos (deixa as ocupações para fumar), porta de entrada para outras drogas
Fonte: CEBRID (2010)	

DICAS



- O tabaco, além de seus malefícios próprios, é porta de entrada para outras drogas.
- Práticas educativas alusivas ao 29 de agosto, Dia Nacional de Combate ao Fumo, colaboram para a conscientização dos malefícios do tabaco (Brasil, 1986).
- Disciplinas, como Ciências, Biologia e Química, são apropriadas para intervenções aos malefícios do tabagismo.
- Caso você seja fumante é melhor diálogo sincero, assumindo seu vício. Aponte que se você soubesse as dificuldades em deixar de fumar e se tivesse sido informado dos malefícios antes de se tornar dependente não entraria nessa roubada.
- Na dúvida, acesse “Drogas: cartilha para educadores” (Brasil, 2010), por meio do link >>
https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cuidados_prevencao_drogas/obid/publicacoes/cartilhas/drogas-cartilha-para-educadores.pdf

QUER PARAR DE FUMAR?

As pessoas podem informar o seu desejo de parar de fumar a qualquer profissional de saúde na Unidade Básica de Saúde mais próxima de sua residência ou do trabalho (Brasil, 2023). O Ministério da Saúde disponibiliza materiais que auxiliam os profissionais de saúde na conduta clínica do tratamento, como a *Linha de Cuidado do Tabagismo* (<https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/tabagismo/sou-paciente/>), que pode ser acessada pela população e traz informações sobre como parar de fumar, os benefícios da cessação e mais (Brasil, 2023).



O telefone 136 – Disque Saúde
Orienta sobre a cessação do tabagismo

6.2.2 NARGUILÉ

O narguilé é um dispositivo para fumar muito antigo, cujo uso originário reporta-se aos povos árabes. Diferentemente do cigarro, o tabaco geralmente é aromatizado e disposto em um pequeno recipiente com um carvão incandescente em cima. A fumaça é aspirada por uma mangueira comprida, entra em um recipiente com água e é inalada na sequência. (INCA, 2018).

O uso, geralmente, é coletivo, indo de mão em mão e de boca em boca entre os usuários envolvidos. Por ser um dispositivo que aparenta filtrar a fumaça, no senso comum, há o pensamento de que é inofensiva, tornando o narguilé atrativo. Porém, sua alta concentração de nicotina e demais compostos tóxicos e cancerígenos permanecem. Em uma rodada de 60 minutos, equivale ao consumo da fumaça de 100 cigarros. (INCA, 2018).

A indústria do narguilé, conhecendo as vontades dos jovens por novidades, reinventa de variadas formas (tamanho, formato das garrafas, mangueiras, biqueiras, cores e sabores), para atender o gosto desse público, cujo acesso às inovações, descobertas e aquisições ocorrem exitosamente por meio do auxílio das tecnologias digitais. (INCA, 2019).

Por isso, é necessário, além de regulação, programas educacionais com foco em saúde para orientar a população, principalmente os adolescentes, quanto aos riscos do uso de narguilé (INCA, 2019).

O uso frequente de narguilé pode ocasionar: dependência à nicotina, cânceres pela ação do alcatrão (pulmão, boca, estômago, bexiga etc.), doenças cardiovasculares, doenças derivadas do uso coletivo, como hepatite, herpes e tuberculose, doenças gastrointestinais e infertilidade masculina (INCA, 2019).

Para Malta et al. (2024), o uso de tabaco no Brasil está estabilizado, porém, o uso de narguilé e de cigarro eletrônico/Vape cresce de forma preocupante entre os adolescentes, inclusive, para a maioria deles, é por meio do narguilé que se dá a iniciação ao tabagismo.

ATENÇÃO

O uso do narguilé se populariza e vem crescendo enquanto o cigarro tradicional está estabilizado. Não é verdade a alegação de que faz menos mal que cigarro, pois sua fumaça passa por filtragem. Muito pelo contrário, para torná-lo atrativo, inclusive entre adolescentes e mulheres, a indústria do narguilé explora a diversidade de aromas e sabores.



DICAS

- Atividades pedagógicas sobre malefícios da fumaça no organismo.
- Campanhas de conscientização.
- Oficinas e rodas de conversa.
- Cartazes e reportagens de jornais com matérias sobre malefícios do fumo/tabaco.
- Ciências, Biologia e Química são apropriadas para intervenções aos malefícios do tabagismo.

Adolescentes preferem o narguilé a outras formas de fumar, como cigarro tradicional. O seu uso vem associado à ideia própria do senso comum de que faz menos mal à saúde. Ocorre que o narguilé contém quantidades elevadas de nicotina e outras substâncias prejudiciais à saúde, causadoras de cânceres, doenças cardiovasculares e respiratórias comuns às demais formas de utilização de tabaco, conforme estudo de Klein et al. (2021).

Ainda de acordo com Klein et al. (2021), o início do uso de narguilé, cigarro tradicional e eletrônico/Vape está na faixa etária entre 13 e 15 anos, cuja fator motivacional para a experimentação está ligado a conflitos familiares, influência de amigos e familiares, além de sensações como alegria, ansiedade e tristeza. Aponta ainda que às bebidas alcoólicas encoraja os adolescentes não fumantes a fumar. Por fim, chama a atenção para o papel relevante da escola na prevenção ao tabagismo por meio de ações educativas que estimulem bons hábitos e a saúde dos alunos.

6.2.3 CIGARRO ELETRÔNICO (VAPE)

O cigarro eletrônico, popularmente chamado de Vape, trata-se de um dispositivo eletrônico para fumar, onde a fumaça é provocada pela vaporização de um líquido. Diferentemente do cigarro tradicional e do narguilé, no cigarro eletrônico os gases não são produzidos por combustão, mas por vaporização e sua fumaça intensa pode ser aromatizada. Geralmente, o cigarro eletrônico contém nicotina em forma líquida, sendo ela o princípio ativo que atua no Sistema Nervoso Central como droga psicotrópica, pois altera seu funcionamento normal. (INCA, 2024).

O cigarro eletrônico é comum entre os adolescentes, cujo início do uso ocorre, em média, dos 13 aos 15 anos de idade, sendo que o preferem em relação ao cigarro de tabaco tradicional (Klein et al., 2021).

Esses dispositivos eletrônicos para fumar trazem malefícios à saúde e ainda são inseguros. Por esse motivo, falsos argumentos são produzidos, como se fossem menos prejudiciais à saúde que os demais, por não utilizarem queima convencional de tabaco, sem comprovação científica (Malta et al., 2024).

Juntamente com o narguilé, o cigarro eletrônico é perigoso pela possibilidade de iniciação precoce ao tabagismo, ou seja, porta de entrada para a dependência e o vício em fumar o cigarro tradicional. Os adolescentes são atraídos pela curiosidade de experimentação da diversidade de sabores e aromas, acreditam que são menos prejudiciais à saúde e têm a crença de socialização e de modernidade (INCA, 2019).

O cigarro eletrônico vem gerando preocupações porque seu uso entre adolescentes se populariza e está aumentando, enquanto o cigarro tradicional tem seu consumo estabilizado (Malta et al., 2024).



DICA

A Resolução da Diretoria Colegiada RDC nº 855/2024 da Anvisa, além de proibir a comercialização, importação, o armazenamento, o transporte e a propaganda dos dispositivos eletrônicos para fumar, reforça a proibição de seu uso em recintos coletivos fechados, público ou privado. (Brasil, 2024a).

6.2.4 COCAÍNA

Extraída do arbusto *Erythroxylum coca*, também denominada apenas por “coca”, atualmente é usada com finalidade recreativa e abusiva (Ferreira; Martini, 2001). Trata-se de uma droga psicotrópica que aumenta a atividade do Sistema Nervoso Central, estimulando-o. Apresenta-se geralmente em formato de pó (para ser aspirada), mas há possibilidade de uso endovenoso. Provoca no cérebro grande euforia e sensação de aumento de energia, bem-estar e diminuição do apetite. CEBRID (2010).

Professor(a), observe no Quadro 4 os aspectos e as características da cocaína.

Quadro 4. Cocaína: aspectos e características

Aspectos	Características
Qual sua origem?	Alcaloide da planta <i>Erythroxylum coca</i>
Classificação	Psicotrópico estimulante do Sistema Nervoso Central
Efeitos imediatos	Euforia, excitação, diminuição do apetite e fadiga e aumento da autoconfiança
Efeitos cerebrais crônicos	Irritabilidade, delírios, alucinações auditivas e psicoses
Efeitos físicos	Taquicardia, hipertensão, infartos, Acidade Vascular Cerebral, convulsões, febre e coma
Danos específicos	Lesão no septo nasal (inalada) e problemas pulmonares (fumada)
Dependência	Causa dependência física e psicológica
Sintomas de crise de abstinência	Depressão, fadiga extrema e desejo incontrolável de uso
Fonte: CEBRID, 2010	

O uso contínuo está associado à agitação, irritabilidade, delírios de perseguição, alucinações auditivas, falsa sensação de poder, taquicardia e aumento da pressão arterial, dependência física e psicológica, depressão profunda, lesões nas narinas de usuários que a aspiram, risco de acidentes, agressividade, comportamentos violentos e suicidas, emagrecimento exagerado, arritmia, desejo incontrolável de repetir a dose, overdose, infarto e Acidente Vascular Cerebral (CEBRID, 2010).

6.2.5 CRACK

Trata-se de uma droga extremamente forte. Derivada da cocaína, cuja apresentação se dá em formato sólido, geralmente pequenas pedras que são fumadas em cachimbos. A fumaça proveniente da combustão da “pedra”, como também é chamada, rapidamente atinge o cérebro. (CEBRID, 2010).

Produz uma sensação de prazer e de empoderamento muito intensas, mas momentânea, ou seja, de curta duração. Dessa forma, o usuário é instigado a repetir as doses inúmeras vezes. Isso aumenta sua vulnerabilidade para a dependência (CEBRID, 2010).

O crack tem alto potencial de dependência e fissura (desejo incontável de usar), podendo causar depressão, irritação e agressividade, delírios e alucinações visuais, lesões na boca, gengivais, problemas no trato respiratório e pulmonares. Acarreta ainda, desestruturação familiar e isolamento social, grupo de risco para violência e criminalidade, prostituição em troca de mais droga, risco de contrair doenças como hepatite, herpes e HIV. (CEBRID, 2010).

Professor(a), observe no Quadro 5 os aspectos e características do crack.

Quadro 5. Crack: aspectos e características

Aspectos	Características
Origem e apresentação	Derivado da cocaína, apresenta-se em forma de pedras; geralmente, é fumado em cachimbos improvisados
Ação	Efeitos em 10 a 15 segundos, ou seja, rápido
Duração	Também rápido, os efeitos duram cerca de 5 minutos
Sensação	Prazer intenso e poder
“Fissura”	Desejo incontável de repetir o uso
Efeitos	Paranoia, agressividade, delírios e alucinações
Efeitos físicos	Taquicardia, convulsões, risco de parada cardíaca e respiratória
Efeitos sociais	Prostituição, exposição a doenças como Hepatite e HIV
Degradação física	Perda de peso, insônia e falta de higiene pessoal
Fonte: CEBRID, 2010	

6.3 DROGAS QUE PERTURBAM A ATIVIDADE DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL

6.3.1 MACONHA

Maconha é a nomenclatura mais conhecida para designar a *Cannabis Sativa* e trata-se de droga ilícita, cujo princípio ativo é o Tetrahydrocannabinol (THC). Apresentada de diversas formas, sendo mais comum pedaços de erva prensada. Após esfarelada, o usuário confecciona cigarros e os fuma. Esse processo denomina-se combustão, onde se traga os gases e a fumaça. No pulmão há a absorção e, por meio da corrente sanguínea, gases tóxicos e nicotina são levados ao Sistema Nervoso Central, perturbando-o. (CEBRID, 2010). Os efeitos podem variar entre bem-estar e euforia (“barato”), relaxamento, hilaridade (risos), até angústia, medo, tremores, desorientação espacial e temporal (má viagem), conforme CEBRID (2010).

O uso da maconha traz preocupações específicas na área educacional do usuário, pois o uso contínuo de THC atinge a área cognitiva do cérebro, ocasionando prejuízos na concentração, memória e aprendizagem, prejudicando o desempenho escolar do usuário, inclusive, a maconha é apontada como porta de entrada para outras drogas mais potentes (CEBRID, 2010). Há risco dependência química, podendo também apresentar sintomas como: irritabilidade, perda do sono e do apetite e ansiedade exagerada, comuns em crise de abstinência (CEBRID, 2010).

No estudo de Oliveira et al. (2012), há constatação de que entre crianças e adolescentes a experimentação acontece dos 11 aos 14 anos, aumentando o risco de dependência e prejuízo não só na frequência, mas também no desempenho e participação das atividades escolares.

Quanto ao uso recreativo da maconha, refere-se ao uso destinado ao prazer momentâneo, na obtenção de efeitos psicoativos, como, por exemplo, a euforia (“barato”) e o relaxamento. Mas, seu uso vincula-se aos riscos à saúde e aos malefícios, como dependência, prejuízos cognitivos de memória, concentração e atenção. Por sua vez, no uso medicinal da maconha, busca-se o uso terapêutico e médico da droga em casos específicos. Controla-se o uso, a dose é definida e o acompanhamento médico obrigatório. (CEBRID, 2010).

Professor(a), observe no Quadro 6 as características, efeitos e riscos da maconha.

Quadro 6. Maconha: características, efeitos e riscos

Características	Efeitos	Riscos
Derivada da planta Cannabis Sativa de Lineo	Produz baixa euforia, sensação de bem-estar, relaxamento e hilaridade	Uso contínuo provoca redução de memória, de concentração e da atenção
Componente ativo principal: Tetrahydrocannabinol	Olhos vermelhos, boca seca e taquicardia	Prejuízo no desempenho escolar pelo comprometimento na aprendizagem
Geralmente é fumada	Causadora de ansiedade, angústia, medo e sudorese	Psicoses quando o usuário apresenta predisposição
Potência varia conforme as variáveis de clima, solo, colheita e sensibilidade do usuário	Pode acarretar desorientação espacial e temporal (má viagem)	Pode acarretar dependência química, bronquite e doenças no trato respiratório
Fonte: CEBRID (2010)		

6.3.2 HAXIXE

Essa droga é derivada da maconha, sendo que o haxixe é produzido a partir da resina das flores da *cannabis*. Por esse motivo, tem a concentração de Tetrahydrocannabinol, geralmente, superior à concentração da maconha convencional, sendo mais potente, com efeitos mais intensos, representando também mais riscos (CEBRID, 2010). O Quadro 7 apresenta uma comparação entre maconha e haxixe.

Quadro 7. Comparação entre os aspectos da maconha e do haxixe

Aspectos	Maconha	Haxixe
Origem	Obtida das folhas e flores secas da planta Cannabis Stiva	Obtido a partir da resina das flores da Cannabis Sativa
Utilização	Geralmente fumada	Fumado, geralmente misturado ao tabaco
Concentração de Tetrahydrocannabinol	De baixa a moderada	Alta, pois é um concentrado de resina
Efeitos	Euforia, relaxamento e alteração da percepção	Efeitos mais intensos: grande euforia, acompanhada de confusão e de desorientação
Riscos	Dependência, prejuízo cognitivo e psicoses em predispostos	Potencialização dos riscos de psicose, ansiedade, dependência e prejuízo cognitivo
Potência	Moderada	Alta
Fonte: CEBRID (2010)		

A maconha é obtida das folhas e flores secas da *Cannabis sativa*, geralmente fumada, vaporizada ou ingerida, com baixo a médio teor de Tetrahydrocannabinol que causa euforia, relaxamento e alteração da percepção. Já o haxixe é feito da resina concentrada da planta, tem alto teor de Tetrahydrocannabinol, é fumado com tabaco e provoca efeitos mais intensos, aumentando os riscos de ansiedade, dependência, prejuízo cognitivo e psicoses em predispostos.

6.3.3 ECSTASY (MDMA)

Trata-se de droga sintética, quimicamente chamada de 3,4-metilenodioximetanfetamina, comumente, encontrada na forma de comprimidos, também chamados de balas. Atua no Sistema Nervoso Central perturbando-o, com ação estimulante e alucinógena, produzindo efeitos estimulantes e alucinógenos. (CEBRID, 2010). O Quadro 8 apresenta as características, efeitos e riscos do ecstasy.

Quadro 8. Ecstasy: características, efeitos e riscos

Características	Efeitos	Riscos
Droga sintética com propriedades estimulantes e alucinógenas	Euforia, empatia intensa, aumento da percepção sensorial	Depressão de meio de semana, insônia, fadiga
Forma de uso: comprimido de uso recreativo (baladas musicais)	Taquicardia, pupilas dilatadas, ranger de dentes	Hipertermia grave (acima de 42 °C), risco de morte
Composição frequentemente adulterada com MDA, metanfetamina, cafeína, LSD	Aumento da temperatura corporal (hipertermia)	Hiponatremia (intoxicação por ingestão excessiva de água), coma
Duração dos efeitos: 4 a 8 horas	Redução do apetite, retenção de líquidos	Problemas hepáticos e cognitivos (memória, atenção)
Metabolizada no fígado e excretada pela urina em até dois dias	Intensa sociabilidade e aumento da energia física	Risco de surtos psicóticos e transtornos psiquiátricos
Fonte: CEBRID (2010)		

Atualmente, essa droga conta com um perigo extra: os comprimidos são acrescidos de outras drogas. Importante efeito associado ao uso é o aumento da temperatura corporal, ingestão imoderada de água que acarreta retenção de líquidos, depressão, fadiga muscular pelo excesso de movimento e insônia. Pode ocorrer ainda hiponatremia grave, com coma ou até morte por excesso de água. (CEBRID, 2010).

7 ENTENDENDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Professor(a), passamos agora para a compreensão de que tipo de violência trataremos e como enfrentá-la segundo os autores estudados. A violência escolar é uma forma particular de expressão da violência, cuja ocorrência está associada ao ambiente escolar. Não significa que são violências produzidas apenas pela instituição escolar, ou seja, é uma espécie do gênero das violências, reflexo do fenômeno da violência social existente na sociedade (Galuch et al., 2020).

Para Abramovay e Rua (2002), a violência escolar trata de um fenômeno social que se manifesta nas escolas e/ou em seu entorno, afetando negativamente o ambiente escolar, o processo pedagógico, a aprendizagem dos alunos e o bem-estar das pessoas envolvidas. A escola pode sofrer com a violência social externa, mas ela também produz suas próprias formas de violências, muitas vezes derivadas de gestão autoritária e não compartilhada, regras pouco dialogadas e impostas hierarquicamente, falta de professores, construções e prédios improvisados, impróprios ou sem a devida manutenção (Abramovay; Rua, 2002).

Para Abramovay e Rua (2002), a solução nesses casos depende da própria instituição: primeiramente, reconhecendo que há violências e, depois, atuando nelas e em suas causas. Regras claras e transparentes, gestão democrática e participativa, solução dialógica de conflitos interpessoais e adoção de práticas pedagógicas inclusivas e saudáveis são algumas possibilidades (Abramovay; Rua, 2002).

A violência escolar se manifesta de várias formas: física (agressões e brigas), verbal (ofensas e humilhações), psicológica (ameaças e exclusão), simbólica (preconceitos e discriminações), institucional (falhas de gestão e infraestrutura) e digital (cyberbullying e ataques virtuais).

Para Charlot (2002), a violência escolar não é um fenômeno novo, mas atualmente há novas formas e tem maior visibilidade. A sociedade contemporânea vive um sentimento de insegurança diante de acontecimentos violentos sociais nas escolas, que antes eram consideradas seguras, ampliando o debate público sobre o tema (Charlot, 2002). Professor(a), vejamos a atualidade desse estudo, mesmo publicado há mais de vinte anos.

Charlot (2022) divide o tema em três dimensões: violência na escola, violência à escola e violência da escola. A primeira se refere aos atos que ocorrem na escola, mas sem relação direta com a instituição; a segunda, a agressões são contra a escola

ou seus integrantes; e a terceira, por sua vez, à violência é simbólica ou institucional, praticada pela própria escola contra os alunos, por meio de humilhações ou práticas injustas (Charlot, 2002).

A implementação de atividades escolares promotoras de empatia, diálogo, respeito e participação dos alunos são capazes de transformar relações conflituosas em local humanizado, seguro e saudável (Ceccon et al., 2009).

Visando dar maior compreensão, passaremos algumas dicas, cujos links estão na descrição:

Dicas de implementação de atividades escolares

1) Os caminhos a serem adotados no ambiente escolar em situações de violência à criança e ao adolescente vítimas ou testemunhas de violências (Childhood Brasil, s. d.).

Link: https://drive.google.com/file/d/13TkahB_9R7XTrW3smMvYncbgz_xP_4Vn/view

2) O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) tem material alusivo a prevenção à violência de crianças e adolescentes por meio da comunidade escolar (UNICEF, 2022).

Link: https://www.unicef.org/brazil/media/19281/file/comunidade_escolar_prevencao_resposta_violencia.pdf



3) A Childhood Brasil (2023) elaborou um guia de como os profissionais da educação devem agir em caso de violência suspeita ou confirmada contra crianças e adolescentes.

Link: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/acoes-e-programas/GuiaEscutaEspecializada_ConceitoseProcedimentosticoseProtocolares.pdf

4) Importante material sobre dicas para reflexão e exemplos, pode ser acessado pelo link: https://www.cecip.org.br/site/wp-content/uploads/2014/07/conflitos_na_escola.pdf

7.1 BULLYING COMO VIOLÊNCIA ESCOLAR

Professor(a), vamos falar agora do bullying, tipo de violência que não é exclusividade das escolas, mas sua ocorrência é comum e malévola nos ambientes escolares. Por isso, é um fenômeno merecedor de atenção por parte da comunidade escolar, em especial dos docentes. Vamos ver o referencial teórico e dicas e *links* direcionados que tratam do assunto.

O bullying é uma violência que ocorre por meio de comportamentos agressivos, intencionais, repetitivos, sem motivação, praticados por um ou mais alunos em face de outro(s), causadores de sofrimento ou angústia, dentro de uma relação desigual de poder (Fante, 2005; Galuch et al., 2020).

O bullying manifesta-se da seguinte forma, conforme Galuch et al. (2020):

- (i) agressões físicas: socos, chutes e empurrões;
- (ii) agressões verbais: ameaças, insultos, xingamentos e apelidos pejorativos;
- (iii) comportamentos ofensivos indiretos: boatos maldosos, exclusões entre grupo de colegas ou deixar sempre de lado nas atividades esportivas.

O bullying fere a saúde, física e mental, das vítimas, gerando baixa autoestima, ansiedade, depressão, isolamento social e até ideação suicida. Há também prejuízos na aprendizagem, rendimento e frequência escolar pela falta de pertencimento e desvalorização da necessidade de estudar tornando o ambiente escolar hostil, perigoso e opressor (Fante, 2005; Galuch et al., 2020).

O bullying afeta agressores, vítimas e espectadores. Os agressores reproduzem comportamentos agressivos em suas vidas, as vítimas apresentam medo, impotência, baixo autoestima, prejuízo nas relações pessoais e as sequelas e os espectadores tornam-se insensíveis a agressões e violências, contribuindo para banalizar a violência nas escolas (Fante, 2005; Silva; Rosa, 2013; Galuch et al., 2020).

As causas do bullying, além de fatores sociais, podem estar associadas a contextos escolares com pouca supervisão, carência de vínculos aluno, escola e professor, baixo rendimento, vulnerabilidades sociais, familiar e pessoal provenientes de desestruturação familiar e consumo de álcool, tabaco e outras drogas (Zequinão et al., 2016).

A capacitação de docentes pode prevenir o bullying, quer o identificando, quer intervindo com práticas pedagógicas promotoras de respeito, empatia e diálogo constante dentro e fora das salas de aula (Silva et al., 2013). Por sua vez, Silva e Rosa

(2013) vão além, sugerindo que o tema do bullying carece ser incorporado na formação docente, tanto inicial, quanto continuada, no sentido de oportunizar habilidades próprias para intervenção no sentido de evitar o bullying.

7.2 CYBERBULLYING COMO VIOLÊNCIA ESCOLAR

Não podemos deixar de ficar atentos à violência digital, não só pela recorrência e malefícios, mas porque por meio dela há uma ampliação do ambiente escolar e seus muros, pois a violência pode ter origem fora da escola com consequências para vítimas ou outros estudantes.

O cyberbullying é uma forma digital de manifestação do bullying por meio de meios digitais. O agressor promove atos ofensivos, difamatórios, humilhantes, intimidatórios e ameaçadores por meio de mensagens, montagens, textos, e-mails, redes sociais, vídeos, fotos, áudios e memes, que ganham formas de violência pelo uso da tecnologia (Araújo et al., 2024). As vítimas podem desenvolver quadros que vão desde ansiedade e depressão, até intenção suicida (Araújo et al., 2024).

O alcance do cyberbullying é mais amplo que do bullying, pois virtualmente o agressor encontra estímulos, segundo Flores et al. (2022), como:

- (i) facilidade: por meio de um smartphone conectado, o autor pode agir por meio de vídeos, “memes”, imagens e textos de qualquer lugar, da sua casa, da rua ou da escola;
- (ii) propaga-se rapidamente: com potencial de chegar ao conhecimento de um número muito grande de pessoas por meio do fenômeno denominado “viralização”;
- (iii) gravidade: pode ser maior pelo “anonimato”, perfis falsos ou por meio de avatar.

Essas causas dificultam a identificação do(s) autor(es) e seu respectivo controle, por isso, os encorajam a usar o ambiente virtual como arma para maldades. O ambiente digital favorece a violência de gênero, de raça e de minorias, pois oferece facilidades em refletir virtualmente comportamentos repetidos das violências presentes na sociedade. O machismo, a misoginia e o racismo presentes na sociedade encontram na internet possibilidades de exteriorização por conta do anonimato ou perfis falsos (Serenas, 2025).

As meninas são mais vulneráveis que os meninos e os abusos e as violências via internet estão cada vez mais tóxicos para elas. Enfrentam assédio, cyberbullying e humilhações, inclusive por padrões de beleza fora da realidade, muitas vezes inatingíveis. Esses padrões perfeccionistas, a objetificação do corpo, sexualidade precoce e exposição do corpo são fatores de risco às violências produzidas e/ou compartilhadas livremente nas redes (Serenas, 2025). Os meninos chegam a pensar que a objetivação do corpo feminino pode autorizá-los a postarem fotos do corpo das alunas como se fossem domínio público (Serenas, 2025).

Segundo a Safernet Brasil (s. d.), denomina-se sexting o compartilhamento de fotos e filmes de conteúdo sexual envolvendo nudez, seja ela completa ou incompleta, pela internet por meio de aplicativos de mensagens ou redes sociais. Prática comum entre adolescentes, porém, abusiva e produtora de danos à reputação. É uma das formas de violência infantil, punida pela legislação brasileira como crime: Artigo 241-A e 241-B, ambos do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

A convivência com ambientes onde há violências de gênero, intolerância, desagregação familiar, consumo imoderado de álcool e outras drogas tendem a reproduzir nos jovens estudantes comportamentos refletidos banalizadores da violência de gênero e de minorias.

- Exemplos: em lares com incidência de violências doméstica e familiar contra a mulher, o machismo é mais comum; ou racismo envolvendo meninas negras, que são ainda mais vulneráveis aos impactos da violência digital (Valente, 2023).

Apesar de não deixar marcas ou lesões físicas aparentes a intimidação digital pode impactar em muito a saúde mental e emocional das vítimas, onde são comuns alterações comportamentais repentinas, como isolamento, tristeza, choro, queda no rendimento escolar, evasão, mudança na forma de navegação nas redes sociais ou pensamento suicida.

A prevenção do cyberbullying exige atenção redobrada que vão além das medidas disciplinares comuns. A juventude conectada precisa de educação digital. Para tanto, suporte escolar é fundamental na prevenção. Professores e pedagogos, incluindo educação digital nos currículos, medidas de proteção de dados, privacidade online para os alunos e como evitar julgamentos e revitimização (Flores et al., 2022).

Atuando de forma integrada, gestores, professores e pais devem prestar atenção no comportamento online dos estudantes, intervindo para promover o respeito e

responsabilidade digital, integrados na identificando casos e atuando na redução de danos (Flores et al., 2022).

O enfrentamento das violências facilitadas pela tecnologia na escola, dentre elas o cyberbullying, podem ser divididas em três níveis de intervenção, segundo Serenas (2025):

- (i) ações preventivas: rodas de conversas sobre matérias recentes de mídias com questões de gêneros; rodas de conversa sobre usos correto de redes sociais; demonstrações de que há responsabilização por mau uso na internet etc.;
- (ii) intervenções secundárias quando já ocorreram as violências: há comportamentos próprios de agressores e outros próprios de vítimas de violências online; o necessário nesses casos é o suporte escolar no sentido de escutar e acolher as vítimas, adotando providências quanto aos autores; e,
- (iii) intervenções terciárias: providências que a escola deve tomar para que não se banalizem as violências.

No Brasil, tanto o produtor do conteúdo ofensivo (“Bully”), quanto quem o compartilha, possuem responsabilidade pelo cyberbullying, podendo inclusive ser preso (Brasil, 2024b). A internet não é e nem pode ser vista como um ambiente sem leis, sem responsabilização, devendo estar claro no ambiente escolar, principalmente entre alunos (Serenas, 2025).

A socialização da juventude hiper conectada ocorre em parte significativa nas escolas, ambiente propício aos fatores de risco e de proteção às violências praticadas pelo uso das tecnologias, sendo eles conhecidos, identificados, estudados, assumidos e trabalhados como forma de prevenção, a própria escola tornará o ambiente mais acolhedor, seguro e saudável (Serenas, 2025).

Atividades pedagógicas que tratem da educação digital são fundamentais. Não somente aprender a acessar, mas o que acessar de modo crítico e responsável. Não compartilhar ou armazenar conteúdo íntimo de crianças ou adolescentes.

DICAS



1) Conheça mais sobre cidadania digital por meio da plataforma da Safernet Brasil (s. d.).

Links:

<https://new.safernet.org.br/content/ative-cidadania-digital-em-sua-escola>

<https://cidadaniadigital.org.br/>

2) Portal Navegar com Segurança:

Link:

<https://www.childhood.org.br/navegarcomseguranca/>

3) Importante material sobre a forma como meninas e jovens lidam com assédio on-line:

Link:

<https://plan.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Pesquisa-Liberdade-On-line-Plan-International.pdf>

Como proceder em caso de violências online, segundo Brasil (2014) e Safernet Brasil (s. d.):

- (i) Procurar um adulto de confiança (na escola, um professor, pedagogo, diretor) e revelar o ocorrido;
- (ii) Deve-se manter a calma, tanto a vítima, como a testemunha, quanto quem a ouve;
- (iii) Nunca apagar a(s) foto(s), filme(s) ou conteúdo das mensagens; se possível tirar prints da tela; caso seja um site, a URL deve estar completa (exemplo: <https://...>);
- (iv) Fazer cópias do conteúdo ofensivo;
- (v) Armazenada as provas, procurar as plataformas digitais para removerem o material ofensivo de acordo com o Marco Civil da Internet – Lei 12.965/2014; se for(em) foto(s) ou vídeo(s) de sexo, pornografia ou nudez a plataforma deve retirar o conteúdo; se forem outras ofensas, a plataforma pode ou não retirar a seu critério, respeitando, porém, decisão judicial determinando o contrário.

Link de ajuda das plataformas

Google:

https://support.google.com/websearch/answer/3143948?visit_id=638850756740287069-1962851022&rd=1



Facebook:

<https://www.facebook.com/help/www/1381617785483471?helpref=search>

X:

<https://help.x.com/pt/rules-and-policies/intimate-media>

Instagram:

https://help.instagram.com/contact/512241091300432?helpref=page_content

YouTube:

<https://support.google.com/youtube/answer/2802027>

Ressaltamos, por fim, que o responsável pela vítima criança ou adolescente deverá recorrer a uma delegacia de polícia para registrar os fatos por meio de um boletim de ocorrência.

7.3 ASSÉDIO SEXUAL COMO VIOLÊNCIA ESCOLAR

O assédio sexual é definido como aquelas condutas de cunho sexual, podendo ser verbal, gestual ou física, que são indesejadas pela vítima, resultando em constrangimento ou intimidação. No espaço escolar, essas práticas adquirem gravidade maior pela assimetria de poder entre docentes e discentes (Barbosa, 2021). Devido sua gravidade, o Código Penal brasileiro tipificou no artigo 216-A, como crime o assédio sexual e ainda prevê como causa de aumento de pena se a vítima for menor de 18 anos (Brasil, 2001). Ainda de acordo com Barbosa (2021), o assédio sexual se trata de uma violência oculta, silenciada, comum nos ambientes escolares e muitas vezes até negada institucionalmente.

O assédio sexual torna o ambiente escolar inseguro, dificultando a relação professor-aluno e a sensação de pertencimento do aluno, repercutindo inclusive, como fator de risco para outras formas de violência e uso de drogas. Silva et al. (2023) destacam que essa violência se manifesta de diferentes formas: verbais, gestuais, físicas, simbólicas e digitais, inclusive disfarçada de brincadeiras, comentários sobre o corpo de colegas ou até contatos físicos inapropriados.

Todos são comportamentos indesejados, logo violam a vontade das vítimas; podem ser: piadas, cantadas, olhares insistentes, gestos obscenos, toques não consentidos ou divulgação de conteúdos íntimos (Silva et al., 2023).

Quando as vítimas não reconhecem o assédio sexual como violência, mas como brincadeira, o comportamento tende se repetir, gerando sua naturalização. Sem denuncia ou providências, o silêncio institucional perpetua as ocorrências e desigualdades comprometendo o clima de respeito e segurança necessário no ambiente escolar. Por isso, o trabalho preventivo deve começar cedo, com educação para o respeito e para reconhecimento do assédio. (Silva et al., 2023).

Quando a escola promove o diálogo, valoriza a escuta e orienta as crianças sobre seus direitos, contribui para romper o ciclo do silêncio e da violência (Silva et al. (2023). Esse combate ao assédio sexual deve priorizar falar sobre o tema abertamente. As ações devem priorizar também a escuta ativa e o desenvolvimento da empatia, ajudando as crianças a compreender que ninguém pode tocar ou fazer comentários sobre o corpo de outrem sem autorização (Silva et al., 2023).

No mesmo sentido a CAPES (2023) evidencia que o enfrentamento do assédio sexual necessita de cultura institucional fundada no respeito, igualdade e ética. A prevenção vai além da punição dos agressores, envolve práticas pedagógicas permanentes de conscientização. O envolvimento dos gestores, funcionários, docentes e estudantes devem ter em mente que silenciar o assédio sexual leva a sua naturalização, reprodução e agravamento (CAPES, 2023).

Ressaltando as denúncias ou canais de comunicação devem ser amplamente divulgados e representar espaços de escuta e diálogo estruturados no respeito e convivência na instituição. Esses espaços não se restringem ao registro dos fatos, mas fortalecem o senso de confiança, logo, encoraja estudantes vítimas a delatar as violências (CAPES, 2023).

Ainda para a CAPES (2023), a formação docente é fundamental para desenvolver habilidades no reconhecimento de comportamentos violentos e inadequados, orientar estudantes e intervir diante da constatação de vulnerabilidades. A educação passa a atuar com ferramenta de transformação cultural e promotora da equidade.

Nesse contexto, Rodrigues e Mello (2024) estudando o enfrentamento mais genérico da violência sexual, inclusive o assédio, defendem que a formação docente é essencial para o enfrentamento, permitindo que os educadores compreendam a

complexidade do fenômeno e conheçam ações preventivas dentro e fora da sala de aula. Com a formação específica os docentes são multiplicadores da cultura de proteção e respeito (Rodrigues; Mello, 2024).

Rodrigues e Melo (2024) enfatizam também que a escola é um ambiente não só de ocorrência, mas também espaço privilegiado para a prevenção das violências sexuais, pela reunião de docentes, estudantes e familiares em torno de práticas pedagógicas aptas à promoção de diálogo, respeito e proteção. Isso não significa erotizar a infância, mas promover o conhecimento sobre o corpo, os sentimentos e os limites (Rodrigues; Melo, 2024).

Dessa forma, o assédio sexual é uma violência sexual de ocorrência comum em ambientes escolares, devendo ser combatido também pelas escolas de forma planejada, ética e contínua. A literatura analisada demonstra que a escola tem papel fundamental na prevenção, ao desenvolvendo valores como respeito, empatia e responsabilidade.

DICAS

Práticas eficazes:



- Rodas de conversa, cujos diálogos possibilitem as crianças e adolescentes expressarem dúvidas sobre convivência, respeitos e diferenças.
- Contação de histórias e literatura infantil: leitura de textos, livros e contos que abordam o respeito ao corpo, à diversidade e ao consentimento.
- Teatro e dramatizações: atividades lúdicas que ajudam a identificar comportamentos inadequados e formas de pedir ajuda.
- Projetos interdisciplinares: ações integradas entre professores de Língua Portuguesa, Artes, Ciências e Educação Física, discutindo temas como amizade, empatia e limites corporais, além de atividades esportivas conjuntas sem divisão por sexo.
- Cartazes e murais informativos sobre o assédio sexual e canais de comunicação são importantes formas de dar visibilidade ao tema.

8 ABORDAGEM LEGAL SOBRE A PREVENÇÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO

O conhecimento do aparato legal é fundamental para que o docente compreenda o seu papel na construção de um ambiente escolar seguro e promotor de cidadania. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, e a Lei nº 13.663/2018 determinam que as escolas devem prevenir e combater violências, inclusive o bullying, promover cultura de paz e enfrentar o uso de drogas (Brasil, 1996; Brasil, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Resoluções CNE/CP nº 2/2017 e nº 4/2018, orienta o trabalho docente ao incluir competências voltadas para a cultura digital e o autocuidado, prevenindo riscos no ambiente escolar. Complementarmente, a Lei nº 13.185/2015 e a Lei nº 14.811/2024 preveem capacitação continuada para prevenção de violências e cyberbullying (Brasil, 2015; Brasil, 2017; Brasil, 2018; Brasil, 2024b).

A Lei nº 13.840/2019 reforça a articulação entre escola, família e sociedade na prevenção ao uso de drogas, logo, conhecer essas normas permite planejar ações pedagógicas fundamentadas e promover uma cultura de paz e proteção aos estudantes (Brasil, 2019).

Lei nº 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) **Estabelece as diretrizes gerais da educação brasileira**

Art. 12 – Determina que as escolas devem:

- Promover conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, incluindo o bullying.
- Fomentar a cultura de paz.
- Adotar estratégias para prevenção e enfrentamento ao uso de drogas.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Resoluções CNE/CP nº 2/2017 e nº 4/2018 **Define os conteúdos, habilidades e competências essenciais para todos os estudantes**

- Competência 5: Cultura digital – incentiva o uso crítico, ético e seguro das tecnologias.
- Competência 8: Autocuidado – essencial na prevenção ao uso de drogas.

A BNCC orienta professores a trabalharem educação midiática, navegação segura e cultura de paz.

Lei nº 13.185/2015 – Lei do Bullying
Cria o Programa de Combate à Intimidação Sistemática

- Prevenção e combate ao bullying e cyberbullying.
- Capacitação continuada de docentes e equipes pedagógicas.
- Campanhas educativas e incentivo à cultura de paz.
- Prioriza medidas educativas em vez de apenas punitivas.

Lei nº 13.663/2018
Altera a LDB para incluir, como dever das escolas

- Conscientização, prevenção e combate à violência e ao bullying.
- Promoção da cultura de paz como parte do ambiente escolar.
- Reforça o caráter educativo das ações para um convívio harmonioso.

Lei nº 13.840/2019 – SISNAD e Internação Compulsória
Altera a Lei Antidrogas (Lei nº 11.343/2006) e cria o capítulo do SISNAD

- Integra setores de saúde, educação, assistência social e cultura.
- Prevê ações articuladas com escolas, famílias e sociedade para prevenção ao uso de drogas.
- Fortalece programas de atenção e reinserção social de usuários.

Lei nº 14.811/2024 – Lei de Proteção à Infância e Adolescência
Institui protocolo de proteção no ambiente escolar

- Prevê capacitação continuada de docentes e comunidade escolar.
- Inclui no Código Penal o crime de bullying e cyberbullying (art. 146-A).
- Estabelece penas mais severas para crimes em escolas ou arredores.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente cartilha chega ao fim, apontando existência de inter-relação entre as drogas e a violência escolar, que justifica seu estudo conjunto, inclusive podendo ser também enfrentado conjuntamente no ambiente escolar.

Professor(a), você é peça fundamental neste processo! Ensinar não só conteúdos tradicionais, mas educar para a saúde, para a cidadania e para uma cultura de paz.

Vimos, então, que temas transversais e sensíveis implicam nessa visão mais ampla e atuação preventiva. Nesse contexto, a prevenção ganha destaque e a sua atuação antes que o problema se consolide, reduzindo fatores de risco e fortalecendo os fatores de proteção, o que evita consequências mais graves.

Para tanto, trouxemos os diferentes fatores de risco e de proteção que influenciam no comportamento dos nossos jovens estudantes; exemplificamos aspectos pessoais, familiares, escolares e sociais condicionantes sobre vulnerabilidades. Tudo para ficar bem claro eventuais causas que implicam no aumento ou diminuição da probabilidade do uso de drogas ou violência escolar e otimizar ações de enfrentamento.

Apresentamos tipologia de algumas drogas psicotrópicas, as com maior presença em nossa sociedade, em especial, àquelas que representam maior perigo para nossas crianças e adolescentes, como, por exemplo, o álcool e o tabaco.

Depois partimos para a compreensão da violência escolar, especificando casos merecedores de atenção escolar não só pela recorrência de acontecimentos em ambientes escolares, como, por exemplo, o bullying e cyberbullying, mas também pelo perigo destruidor de dignidade e relação professor-aluno-escolar, como é o caso do assédio sexual.

Pensando no docente, no profissional da educação, focamos em aspectos didáticos das drogas. O objetivo foi subsidiar com dicas pedagógicas, links e endereços de sites que embasaram nosso estudo e também podem servir de aparato informativo e para você pesquisar sobre drogas e violência escolar.

Espera-se que esta cartilha contribua para ampliar a segurança, a autonomia e a capacidade reflexiva de professores e professoras diante de situações relacionadas às drogas e à violência escolar. Ao reunir conhecimentos teóricos, exemplos práticos, fatores de risco e proteção, além de sugestões de intervenções pedagógicas, a

cartilha busca favorecer a construção de práticas preventivas mais conscientes, sistematizadas e alinhadas às demandas contemporâneas da educação básica.

Não se tem a intenção de substituir formações específicas ou o apoio de equipes multidisciplinares, ou seja, pretende-se servir como instrumento de consulta, sensibilização e fortalecimento da atuação docente. É importante considerar, entretanto, algumas limitações deste material. A complexidade das características relacionadas às drogas e à violência escolar impede que uma única publicação contemple todas as especificidades, contextos sociais e situações vivenciadas pelas diferentes realidades escolares.

Além disso, uma prevenção efetiva depende de vários fatores, incluindo políticas públicas, participação familiar, condições específicas e articulações com redes de proteção social e de saúde. Esta cartilha, então, deve ser detalhada como um recurso de apoio pedagógico complementar, inserido em um conjunto mais amplo de ações preventivas.

Também se destaca que os conhecimentos científicos sobre drogas, violência escolar e adolescência estão em constante atualização. Novas substâncias psicoativas, mudanças nos padrões de comportamento juvenil e transformações tecnológicas, como aquelas relacionadas ao uso das redes sociais e ao cyberbullying, habilitam revisão e atualização permanentes dos materiais educativos.

Dessa forma, este Produto Educacional pode ser ampliado futuramente por meio da inclusão de novos conteúdos, recursos digitais, estudos de caso, vídeos, atividades interativas e propostas formativas externas a diferentes segmentos da comunidade escolar. A proposta da cartilha é dar um norte, pois no âmbito do ensino, a principal contribuição consiste em fortalecer a compreensão de que a prevenção às drogas e à violência escolar não é responsabilidade exclusiva de especialistas ou profissionais da saúde, mas também integra a função social e educativa da escola.

Ao valorizar o protagonismo docente, o diálogo, a formação continuada e as práticas pedagógicas preventivas, este material busca colaborar para a construção de ambientes escolares mais seguros, acolhedores e comprometidos com o desenvolvimento humano integral dos estudantes.

Por fim, professor(a), indicamos como a legislação aborda a temática das drogas sob o aspecto pedagógico, ou seja, a importância que as normas dão ao assunto na prevenção, na figura do professor e da professora e na escola para o enfrentamento. Sucesso a todos e a todas!!!

10 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

ALENCAR SANTOS, Euliana et al. Conscientização sobre violência e uso de drogas em uma escola municipal: um relato de experiência. **Revista Formadores**, v. 20, suplemento, e1928, 2023. DOI: 10.25194/rf.v20iSuplementar.1928. Disponível em: <<https://adventista.emnuvens.com.br/formadores/article/view/1928>>. Acesso em: 01 set. 2025.

ARAÚJO, Gabriel da Silva et al. Violência digital: o impacto do cyberbullying nas redes sociais e suas consequências na saúde mental. **Ciências da Saúde**, v. 29, n. 140, [s. p.], 2024. Disponível em: <<https://revistaft.com.br/violencia-digital-o-impacto-do-cyberbullying-nas-redes-sociais-e-suas-consequencias-na-saude-mental/>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

ARAÚJO, Josef Talson Teixeira de; RIBEIRO, Gabriel. Prevenção ao uso abusivo de drogas: uma análise focalizada no papel da escola e de seus atores. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade – REED**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 5, p. 1-24, jul./set. 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/9549>>. Acesso em: 23 jun. 2025.

BARBOSA, Mauriceia Rodrigues. Assédio sexual em uma escola pública do município de Abaetetuba/PA. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. especial, p. 110–127, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12639>>. Acesso em: 27 out. 2025.

BEZERRA, Adriano Alves et al. Consumo de drogas na escola: uma reflexão crítica acerca das respectivas implicações. **Temas em Saúde**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 154–169, 2020. Disponível em: <<https://temasemsaude.com/pt/article/view/314>>. Acesso em: 23 jun. 2025.

BRASIL, Agência Gov. **SUS oferece tratamento para parar de fumar. Conheça e participe!** 29/08/2023. 2023. Disponível em: <<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202308/sus-oferece-tratamento-para-parar-de-fumar-conheca-e-participe>> Acesso em: 09 set. 2025.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução da Diretoria Colegiada nº 855, de 23 de abril de 2024**. Dispõe sobre a proibição de dispositivos eletrônicos para fumar (DEFs). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 79, p. 110, 24/04/2024. 2024. Disponível em: <https://anvisa.gov.br/legis/datalegis/net/action/ActionDatalegis.php?acao=abrirTextoAto&cod_menu=9431&cod_modulo=310&link=S&numeroAto=00000855&orgao=RDC/DC/ANVISA/MS&seqAto=000&tipo=RDC&valorAno=2024>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. **Código Penal**. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2011, que acrescenta o Art. 216-A. 2001. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10224.htm#art216a>. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. **Lei n. 7.488, de 11 de junho de 1986.** Institui o “Dia Nacional de Combate ao Fumo”, a ser celebrado em 29 de agosto de cada ano. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 12 jun., 1986. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/l7488.htm>. Acesso em: 27 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul., 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 16 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez., 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 24 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014.** Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil (Marco Civil da Internet). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 abr. 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm> Acesso em: 07 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 9 nov., 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 1º maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.840, de 5 de junho de 2019.** Altera a Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, para tratar do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas, definir as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e tratar do financiamento das políticas sobre drogas. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 jun., 2019. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13840.htm>. Acesso em: 1 mai. 2025.

BRASIL. **Lei n. 14.811, de 12 de janeiro de 2024.** Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares [...]. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 jan., 2024b. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14811.htm>. Acesso em: 7 set. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 16 mai. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL, Presidência da República. Gabinete de Segurança Institucional. **Drogas: cartilha para educadores**. 2. ed. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010. 48 p. (Série Por Dentro do Assunto). Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cuidados_prevencao_drogas/obid/publicacoes/cartilhas/drogas-cartilha-para-educadores.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2025.

CAPES. **Cartilha de prevenção aos assédios moral e sexual**. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/16102023_Cartilha_de_Preveno_aos_assdios_moral_e_sexual.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.

CECCON, Cláudia et al. **Conflitos na escola**: modos de transformar – dicas para refletir e exemplos de como lidar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, CECIP, 2009. Disponível em: <https://www.cecip.org.br/site/wp-content/uploads/2014/07/conflitos_na_escola.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2025.

CEBRID, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. **Livro informativo sobre drogas psicotrópicas**. 5. ed. Brasília, DF: SENAD; UNIFESP, 2010. Disponível em: <<https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/12/Livreto-Informativo-sobre-Drogas-Psicotr%C3%B3picas.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2025.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/abstract/?lang=pt>> acesso em: 21 mai. 2025.

CHILDHOOD BRASIL, Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Brasil). **Guia de Escuta Especializada**: conceitos e procedimentos éticos e protocolares. São Paulo, Brasília: Childhood Brasil, SNDCA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/acoes-e-programas/GuiaEscutaEspecializada_ConceitoseProcedimentosticoseProtocolares.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2025.

CHILDHOOD BRASIL; UNICEF. **A Educação e a proteção de crianças e adolescentes contra as violências**. [S. l.: s. n., s. d.]. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13TkahB_9R7XTrW3smMvYncbgz_xP_4Vn/view> Acesso em: 16 mai. 2025.

DINIZ, Beatriz Ferreira et al. Abordagem sobre bullying, drogas e violência com adolescentes na escola. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 3454-3460, jul./ago, 2019. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/2389/2408>>. Acesso em: 23 jun. 2025.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª edição revista e ampliada. Campinas, SP: Verus, 2005.

FERREIRA, Pedro Eugênio; MARTINI, Rodrigo. Cocaína: lendas, história e abuso. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 96-99, jun. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbp/a/WpZNRHsqk8sMtmWNFSyCxDz/?lang=pt>> acesso em: 23 jun. 2025.

FIGUEIREDO, Regina et al. Orientação de prevenção e encaminhamento de casos relativos a álcool e drogas: utilizando a redução de danos como promoção de saúde e prevenção de violências na escola. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília**, v. 14, 2014. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/levs/article/view/4216/3076>> acesso em: 30 mar. 2025.

FLÔRES, Fabrine Niederauer et al. Cyberbullying no contexto escolar: a percepção dos professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, e226330, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/h7Z9LHtRc67rsWrqmXXpn3w/abstract/?lang=pt>> acesso em: 30 mar. 2025.

GALUCH, Maria Terezinha Bellanda et al. **Bullying e preconceito não são brincadeira**: reflexões sobre a violência escolar. São Paulo: Benjamin Editorial, 2020. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/505989396/Bullying-e-Preconceito-Nao-Sao-Brincadeira-1>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

INCA, INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **Dispositivos eletrônicos para fumar**. Rio de Janeiro: INCA, 2024. Disponível em: <<https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/16707/1/Dispositivos%20eletronicos%20para%20fumar.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2025.

INCA, INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **Narguilé: o que sabemos?** Rio de Janeiro: INCA, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//narguile-o-que-sabemos.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2025.

INCA, INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **Parece inofensivo, mas fumar narguilé é como fumar 100 cigarros**. Rio de Janeiro: INCA, 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/folhetos/parece-inofensivo-mas-fumar-narguile-e-como-fumar-100-cigarros>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

KLEIN, Tânia Aparecida Silva et al. Hábito de tabagismo entre adolescentes de escolas brasileiras. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 509-531, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/60177/39601>>. acesso em: 28 abr. 2025.

LENINE, Oswaldo Lenine Macedo Pimentel; FACÃO, Carlos Eduard Carneiro de Albuquerque. **Paciência**. Compositores: Carlos Eduardo Carneiro de Albuquerque Falcão e Oswaldo Lenine Macedo Pimentel. Intérprete: Lenine. Rio de Janeiro: BMG, 1999. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/lenine/paciencia.html>>. Acesso em: 19 jul. 2025.

LIMA, Carlos Alberto; LASNEAU, Larissa Primo Pereira. Uso prejudicial de drogas na adolescência: escola e família no desafio da prevenção. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 112-118, set./dez. 2022. Disponível em: <<https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3207/1973>> Acesso em: 30 maio 2025.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Mudanças no uso do tabaco entre adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 29, n. 9, p. 1-12, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9cDVYy9GGb7LyrCQpWfBPpJ/>>. Acesso em: 7 jul. 2025.

MOREIRA, André Luiz de Carvalho; VÓVIO, Cláudia Lemos; DE MICHELI, Denise. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 403-418, abr./jun., 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/wjPTbvr3DKY9FCpLZPCdt8M/>>. Acesso em: 01 set. 2025.

OLIVEIRA, Izadora Cristina Moreira et al. Práticas Inovadoras de Ensino Como Estratégia de Combate ao Uso de Drogas Pelos Adolescentes. **Congresso de Inovação, Pesquisa e Ensino Em Saúde**, Goiânia: UFG, 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/399/o/IZADORA_CRISTINA_MOREIRA_DE_O_LIVEIRA.pdf>. Acesso em 23 out. 2023.

RODRIGUES, Rafaela Maria; MELLO, Roseli Rodrigues de. Escolas no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes: análise bibliográfica de ações preventivas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 32, n. 124, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VXZVkkwVTsVQNymFfBqPQrp/?format=html&lang=pt>> acesso em: 14 jul. 2025.

SAFERNET BRASIL. **Ative a cidadania digital em sua escola**. Salvador: Safernet Brasil, [s. d.]. Disponível em: <<https://new.safernet.org.br/content/ative-cidadania-digital-em-sua-escola>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SAFERNET BRASIL. **Cyberbullying: saiba como identificar e como agir**. [S. l.: s. n., s. d.]. Disponível em: <<https://new.safernet.org.br/content/ciberbullying-saiba-como-identificar-e-como-agir>>. Acesso em: 14 maio 2025.

SAFERNET BRASIL. **Sexting é uma expressão da sexualidade na adolescência**. Salvador: Safernet Brasil, [s. d.]. Disponível em: <<https://new.safernet.org.br/content/sexting-é-uma-expressão-da-sexualidade-na-adolescência>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SERENAS. **Escolas ON, Violências OFF: Educação para Segurança Online de Meninas**. [Brasília, DF]: Escola Virtual de Governo, 2025. Curso online. Disponível em: <<https://www.escolavirtual.gov.br/curso/1341>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SILVA, Cristiane Gonçalves et al. Dimensões do assédio na escola: diálogos sobre gênero com jovens estudantes de ensino médio de São Paulo/Brasil. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/RCWrBfNFyn5st3DW7MW8FVq/abstract/?lang=pt>> acesso em: 01 set. 2024.

SILVA, Debora Cavalcante da. **Estudo sobre a prevenção do uso indevido de álcool e outras drogas em um instituto federal de educação no estado de São Paulo**. 2020. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ifsp.edu.br/server/api/core/bitstreams/a710e565-b8ab-47a8-b5ca-6cb4290afb2e/content>>. Acesso em: 24 out. 2023.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 2, p. 329–338, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/rCfxgt8FSpvfw8WYmV8sWmg/>. Acesso em: 01 set. 2025.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, jan./abr., 2013. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v65n1/v65n1a09.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2025.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Comunidade escolar na prevenção e resposta às violências contra crianças e adolescentes**. Brasília: UNICEF, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/19281/file/comunidade_escolar_prevencao_resposta_violencia.pdf> acesso em: 25 jul. 2025.

UNODC, ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME. **JIFE: cada dólar gasto em prevenção pode economizar até dez dólares**. Viena: UNODC, 2014. Disponível em: <https://www.unodc.org/islamicrepublicofiran/en/incb_-every-dollar-spent-on-prevention-can-save-up-to-ten-dollars.html>. Acesso em: 24 mai. 2025.

VALENTE, Mariana. **Misoginia na internet: uma década de disputas por direitos**. São Paulo: Fósforo, 2023. Disponível em: <https://www.fosforoeditora.com.br/produto/misoginia-na-internet/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil de redemocratização. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 3, p. 3-17, 1999. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/spp/a/YtDsTzWVBr8g3KRP5bCy3gs/?lang=pt> > acesso em: 6 mai. 2025.

ZEQUINÃO, Maria Aparecida et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 181-189, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/KXkVpC6h4HGX3P4syQ9KQbr/?lang=pt>>. Acesso em: 6 maio 2025.

SOBRE O AUTOR



João Manoel Garcia Alonso Filho ingressou na Polícia Civil do Paraná em 2004, onde é Delegado de Polícia. Formado pela Faculdade de Direito de Araçatuba/SP em 1998. Concluiu em 2008 o Curso de Especialização em Formulação e Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Governo do Paraná e UEPG; em 2014, concluiu o Curso de Pos-Graduação *Lato Senso* em Direito Constitucional pela Universidade Anhanguera-Uniderp; concluiu em 2013 o Curso de Especialização *Lato Senso*, em Gestão em Segurança Pública pela Escola Superior da Polícia Civil. É Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/7392181906063713>

Contato: joaomanoeldeleg@gmail.com

SOBRE O ORIENTADOR

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes é o orientador da pesquisa pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Curso de Licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGEN da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) – Campus de Cornélio Procopio. Coordenador do Grupo de Pesquisa GEPeq - Grupo de Estudos sobre Pequenas Cidades, é autor do livro "Portas e janelas fechadas: a violência e a insegurança em pequenas cidades" (2022). Os principais temas de estudo são: violência, insegurança objetiva e sociabilidade, sobretudo, no recorte espacial das pequenas cidades.

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/0730093051535014>

E-mail: pedrofernandes@uenp.edu.br